

Cientista alerta para o fim da mata Amazônica

CARLOS HONORATO

Manaus — Enquanto as derrubadas permanecem ainda pequenas em relação à área total da região amazônica, a onda explosiva de desmatamento nos anos recentes tem seguido um padrão que deverá levar ao desaparecimento da floresta dentro de uns poucos anos, se continuar sem qualquer mudança. O alerta é do pesquisador norte-americano Philip Fearnside, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa). Atualmente o desmatamento está concentrado em certas partes da região, especialmente Mato Grosso, Rondônia, Acre e sul do Pará. Segundo dados do próprio Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), a devastação da floresta é mais acentuada no Estado de Rondônia. Fearnside garante que, caso a tendência atual se mantenha, estes estados ficarão sem mata em 1993.

Já em outros dois estados, Pará e Maranhão, Fearnside diz que o aumento pode não ter sido exponencial, mas parece um pouco mais rápido do que um aumento linear. Isto porque "as razões que dominam o processo de desmatamento variam nas diferentes partes da Amazônia. Um exemplo citado pelo pesquisador que vive há mais de 12 anos na região, é que "a migração de pequenos agricultores é muito importante em Rondônia e leste do Acre; em outras partes, os principais agentes são as grandes fazendas de pecuária". Aliado a isto existem também a lucratividade da agricultura e o valor da especulação da terra, que contribuem de

forma decisiva para um aumento significativo do desmatamento. E desta forma que os especuladores da terra asseguram a posse a um custo mínimo. O resultado é que a terra, num curto espaço de tempo, é transformada em pastagens.

Fearnside aponta, também, como fator de devastação da Amazônia, os grandes projetos do Governo Federal. E que a "Amazônia Legal brasileira é o cenário de uma explosão de projetos do Governo para obter rápidos retornos econômicos e políticos da terra, florestas, depósitos minerais e locais de geração hidroelétrica da região". O pesquisador do Inpa explica que "o desmatamento pode ocorrer ou como um resultado direto dos projetos de desenvolvimento econômico, ou como uma consequência do assentamento de migrantes e o aumento da atividade de grandes fazendeiros e especuladores que se beneficiam com as rodovias e outras infra-estruturas implantadas para o desenvolvimento".

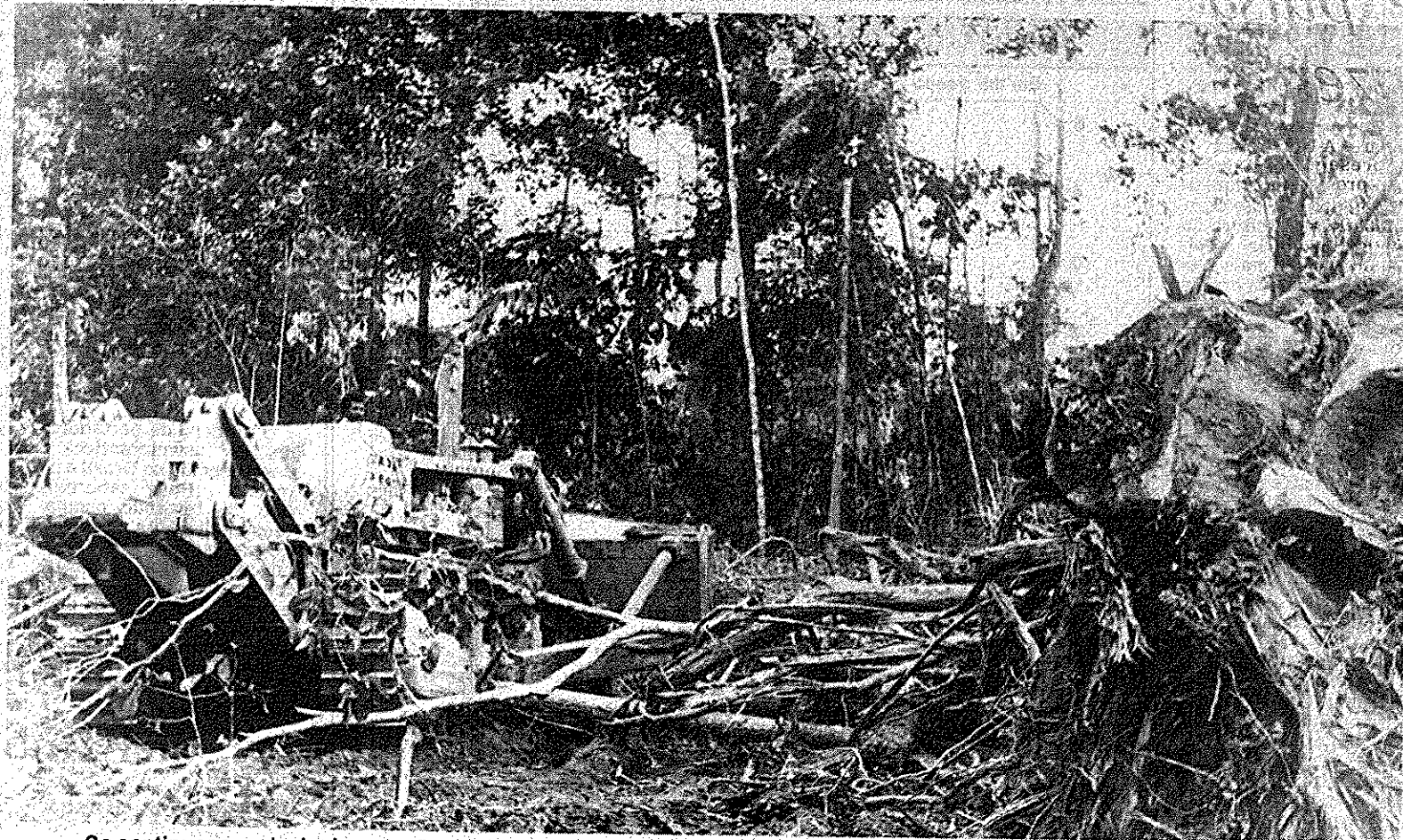
Os impactos dos projetos de desenvolvimento na região amazônica vão além das chamadas "zonas de influência", consideradas no assessoramento de impactos ambientais. Philip Fearnside explica que, "enquanto os benefícios monetários dos projetos de desenvolvimento são invariavelmente levados em conta na balança de prós e contras, incluída nas decisões do governo e das agências de empréstimos para a implantação — dos projetos, os custos ambientais, tais como desmatamento, são amplamente desprezados".

Um exemplo de projetos

que contribuem para o desmatamento na região é o Pólo de Desenvolvimento Regional do Noroeste (Polonoroeste). O projeto, de 346.4 milhões de dólares em financiamento do Banco Mundial, já trouxe mudanças significativas para os estados de Mato Grosso e Rondônia. Fearnside explica que 57 por cento do orçamento de 1.55 bilhão de dólares do projeto para o período de 1981-85 foi designado para a completa reconstrução e pavimentação — já concluída — do trecho de 1.500 quilômetros da rodovia Marechal Rondon, a BR-364 de Cuiabá a Porto Velho. O interessante é que do orçamento apenas 0,3 por cento foi usado para a proteção das reservas, inclusive das indígenas.

O pesquisador alerta que o impacto do Polonoroeste vai muito além dos dois estados considerados como "área de influência". Em Rondônia, por exemplo, as imagens de satélite em 1978 já revelavam que o estado tinha uma tendência de desmatamento exponencial que era a mais rápida na Amazônia. Em um trabalho chamado "Frenesi de desmatamento no Brasil: a floresta amazônica irá sobreviver?", Philip Fearnside explica que o aumento da área desmatada em Rondônia "tem sido mais rápida do que o de 14 por cento ao ano da população humana. A pessoa média em Rondônia está desmatando mais hoje em dia do que no ano passado, por causa da agricultura facilitada pelo transporte rodoviário", dos pastos plantados para assegurar a posse da terra contra as reivindicações especulativas de posseiros ou de outros especuladores.

ARQUIVO



Se continuar a onda de devastação no ritmo atual, a floresta amazônica não mais existirá em 1993, segundo Philip Fearnside